

JEFFREY ARCHER

A FILHA PRÓDIGA

Tradução de
EUGÉNIO SANTOS



BERTRAND EDITORA
Lisboa 2020

Não fora um parto fácil, mas também nunca nada tinha sido fácil para Abel e Zaphia Rosnovski, e tinham passado a encarar o facto com uma filosofia muito própria. Abel desejava um filho, um herdeiro que um dia se tornasse presidente do grupo Barão. Sentia-se confiante de que quando o rapaz estivesse pronto para assumir esse papel, o seu nome estaria ao lado de outros como Ritz e Statler e, nessa altura, o Barão seria o maior grupo hoteleiro do mundo. Abel percorrera vezes sem conta o corredor desgastado do Hospital de St. Luke à espera do primeiro grito, e o seu ligeiro coxear tornava-se mais acentuado a cada hora que passava. De vez em quando, fazia rodar a bracelete no pulso e olhava para o nome nitidamente gravado nele. Voltou-se e retomou os seus passos, reparando que o doutor Dodek se dirigia para ele.

— Parabéns, senhor Rosnovski — gritou-lhe ele, de longe.

— Obrigado — agradeceu Abel ansiosamente.

— Tem uma linda menina — acrescentou o médico quando chegou junto dele.

— Obrigado — repetiu Abel calmamente, tentando não mostrar a sua desilusão.

Depois seguiu o obstetra até ao quartinho na outra ponta do corredor. Abel deparou com uma fileira de rostos encarquilhados que se encontravam do outro lado de uma janela de observação. O médico apontou para a primogénita do pai. Ao contrário dos outros bebés, tinha os dedinhos fechados, formando um punho cerrado. Abel tinha lido que isso só era habitual passadas, no mínimo, três semanas. Sorriu orgulhosamente.

Mãe e filha permaneceram no St. Luke durante mais seis dias e Abel visitava-as todas as manhãs, saindo do hotel só depois de servido o pequeno-almoço, e todas as tardes, depois de o último hóspede ter acabado de almoçar e abandonado a sala. Telegramas, flores e a recente moda dos cartões de felicitações rodeavam a cama de ferro forjado de Zaphia, demonstração tranquilizadora de que outras pessoas também se alegravam com aquele nascimento. Ao sétimo dia, mãe e filha, ainda sem nome — Abel pensara apenas em seis nomes de rapaz —, regressaram a casa.

No aniversário da segunda semana de vida da filha deram-lhe o nome de Florentyna, em memória da irmã de Abel. Uma vez instalado o bebé no quatinho do andar de cima, que tinha sido redecorado, Abel passaria horas a fio a olhar para a filha, a vê-la dormir e acordada, ciente de que deveria trabalhar ainda mais duramente do que no passado para lhe assegurar o futuro. Estava determinado a proporcionar a Florentyna um começo de vida melhor do que ele tivera. A miséria e as privações sofridas na infância ou a humilhação que rodeara a sua chegada à América como imigrante, com pouco mais de meia dúzia de rublos russos, sem qualquer valor, cosidos no casaco do seu único fato, não seriam para ela.

Iria assegurar-se de que Florentyna recebia a educação que lhe faltava a ele, não que tivesse muito de que se queixar. Franklin D. Roosevelt vivia na Casa Branca e tudo indicava que o pequeno grupo de hotéis de Abel iria sobreviver à Depressão. A América fora generosa para com aquele imigrante.

Sempre que se sentava no quarto da filha, no último piso da casa, punha-se a refletir sobre o seu passado, sonhando com o futuro que ela iria ter.

Quando chegara aos Estados Unidos, arranjava trabalho num pequeno talho na zona leste de Nova Iorque, onde ficara dois longos anos, antes de preencher uma vaga no Hotel Plaza como aprendiz de empregado de mesa. Sammy, o velho *maitre d'hôtel*, tratara Abel como se fosse uma vil criatura desde o primeiro dia. Quatro anos mais tarde, qualquer traficante de escravos ficaria impressionado com o número de horas suplementares que a mais rasteira forma de vida empregara para ascender à almejada posição de chefe de sala de Sammy na Sala

de Carvalho. Durante esses primeiros anos, Abel passou cinco tardes por semana a empinar livros de estudo na Universidade de Columbia e, depois de servido o jantar, até altas horas da noite.

Os seus rivais não percebiam quando é que dormia.

Abel já não sabia até que ponto a sua recém-adquirida licenciatura poderia promovê-lo enquanto continuasse a servir à mesa na Sala de Carvalho do Hotel Plaza. A resposta foi-lhe dada por um texano corpulento chamado Davis Leroy, que passara uma semana a observar Abel a servir obsequiosamente os seus hóspedes. Leroy, dono de onze hotéis, oferecera então a Abel a posição de subgerente no seu hotel principal, o Richmond Continental, em Chicago, onde lhe caberia a responsabilidade de gerir os restaurantes.

Abel voltou à realidade quando Florentyna se virou de barriga para baixo e começou a bater num dos lados do berço. Estendeu-lhe um dedo, a que a filha se agarrou como se se tratasse de uma corda salva-vidas atirada de um navio a naufragar. Começou a morder o dedo, com o que imaginava serem dentes...

Quando Abel chegou a Chicago, encontrou o Richmond a sofrer com uma péssima gerência. Não tardou a descobrir a razão. O gerente, Desmond Pacey, andava a falsear os livros de contas, e, segundo os cálculos de Abel, a fraude datava de há mais de trinta anos. O novo subgerente passou os seis meses seguintes a reunir as provas necessárias para desmascarar Pacey e a seguir apresentou ao patrão um dossiê contendo todos os factos. Quando Davis Leroy se apercebeu de que andava a ser enganado, despediu imediatamente Pacey, substituindo-o pelo seu novo protegido. Tal facto instigou ainda mais Abel ao trabalho e convenceu-o de tal maneira de que era capaz de alterar o destino do grupo Richmond para melhor que, quando a irmã idosa de Leroy pôs à venda os seus vinte e cinco por cento das ações da companhia, Abel transformou tudo o que tinha em dinheiro para as comprar. Davis Leroy ficou sensibilizado com o empreendimento pessoal do seu jovem gerente e demonstrou-o nomeando-o diretor do grupo.

A partir dessa altura tornaram-se sócios, um elo profissional que viria a transformar-se numa grande amizade. Abel seria o primeiro a apreciar como era difícil para um texano reconhecer um polaco como seu igual. Pela primeira vez desde que se instalara na América,

sentiu-se seguro — até descobrir que os texanos formavam um clã tão orgulhoso como o dos polacos.

Abel continuava a não ser capaz de aceitar o sucedido. Se ao menos Davis tivesse confiado nele, se lhe houvesse contado a verdade acerca da extensão das dificuldades financeiras do grupo — quem não teve problemas durante a Depressão? —, teriam podido encontrar juntos uma saída. Aos sessenta e dois anos, Davis Leroy foi informado pelo seu banco de que a sua conta a descoberto deixara de estar avalizada pelo valor dos hotéis e que lhe exigiam mais segurança antes de concordarem em pagar o salário dos meses seguintes. Em resposta ao ultimato do banco, Davis Leroy jantara tranquilamente com a filha e retirara-se depois para a suíte presidencial, no décimo sétimo piso, levando consigo duas garrafas de uísque. Depois abriu a janela e saltou. Abel nunca esqueceria os momentos em que, à esquina da Michigan Avenue, às quatro da madrugada, tivera de identificar um corpo que só conseguira reconhecer como pertencendo ao seu mentor por ter vestido o casaco com que o tinha visto na noite anterior. O tenente da Polícia encarregado de investigar a morte comentou que se tratava do sétimo suicídio em Chicago naquela noite. Isso não ajudou. Como poderia a polícia saber de tudo o que Davis Leroy fizera por ele ou até que ponto tencionara retribuir aquela amizade no futuro? Num testamento feito à pressa, Davis legara os restantes setenta e cinco por cento das ações do grupo Richmond ao seu gerente, escrevendo a Abel a dizer que, apesar de as ações não valerem nada, o facto de ele ser dono exclusivo do grupo poderia dar-lhe melhores probabilidades na negociação de novos termos com o banco.

Florentyna abriu os olhos e começou a choramingar. Abel pegou nela ternamente, arrependendo-se logo a seguir ao sentir o rabinho frio e húmido. Mudou-lhe depressa a fralda, secando cuidadosamente a criança antes de dobrar o pano num triângulo, fazendo por lhe prender os alfinetes bem longe do corpo: qualquer parteira teria feito um aceno de aprovação perante tal destreza. Florentyna fechou os olhos e voltou a adormecer, desta vez no ombro do pai. «Pequena ingrata», murmurou ele meigamente, beijando-a na bochecha.

Depois do funeral de Davis Leroy, Abel visitara o Kane and Cabot, do grupo de bancos Richmond em Boston, implorando a um

dos banqueiros que não colocassem os onze hotéis à venda em mercado livre. Tentou convencer o banco de que, se o apoiassem, ele poderia com tempo alterar o balanço para um saldo positivo. O sujeito calmo e frio, sentado do outro lado da secretária, mostrara-se irredutível. «Devo atuar em conformidade com os interesses do banco», dissera à laia de desculpa. Abel nunca esquecera a humilhação que fora tratar um homem da sua idade por «sir» e, mesmo assim, sair dali com uma mão à frente e outra atrás. O homem devia ter uma alma de caixa registadora, para não se aperceber do número de pessoas que seriam afetadas pela sua decisão. Pela centésima vez, Abel prometeu a si próprio que um dia se vingaria do senhor William Kane, o «Mandachuva».

Regressou a Chicago nessa noite a pensar que não lhe podia acontecer nada pior nessa noite, mas veio a deparar com o Richmond Continental completamente destruído por um incêndio e a Polícia a acusá-lo de fogo posto. De facto, veio a provar-se que fora esse o crime, mas às mãos de Desmond Pacey, por vingança. Quando foi preso, admitiu-o prontamente, declarando que o seu único interesse fora arruinar Abel. Pacey teria sido bem-sucedido se a companhia de seguros não viesse em socorro de Abel. Até essa altura, este interrogara-se se não teria sido melhor permanecer no campo de prisioneiros de guerra russo de onde escapara antes de fugir para a América. Mas foi então que a sua sorte mudou, quando um apoiante anónimo, que Abel concluiu ter sido o senhor David Maxton, do Hotel Stevens, adquiriu o grupo Richmond e ofereceu a Abel a sua posição anterior como gerente e uma oportunidade para provar que podia gerir uma empresa com lucro.

Abel recordou como se juntara a Zaphia, a jovem autoconfiante que conhecera a bordo do navio que os trouxera para a América. Como ela o fizera sentir-se imaturo então, o que já não aconteceu ao voltarem a encontrar-se, altura em que descobriu que ela trabalhava como empregada de mesa no Stevens.

Tinham-se passado dois anos desde então; e, embora o recém-designado grupo Barão não tivesse apresentado lucros no ano de 1933, perdeu apenas vinte e três mil dólares, usufruindo bastante da celebração do centenário de Chicago, altura em que a cidade foi invadida por um milhão de turistas de visita à Feira Mundial.

Após a condenação de Pacey por crime de fogo posto, Abel só teve de esperar pelo pagamento do dinheiro do seguro para se lançar na reconstrução do hotel em Chicago. Utilizou esse tempo intermédio para visitar os outros dez hotéis do grupo, despediu o pessoal que desse mostras das mesmas tendências pecuniárias de Desmond Pacey e substituiu-o por pessoas resgatadas das longas fileiras de desempregados que se estendiam através da América.

Zaphia começou a aborrecer-se com as deslocações de Abel de Charleston a Mobile, de Houston a Memphis, supervisionando sempre os seus hotéis no Sul. Mas Abel tinha consciência de que, se desejava cumprir a sua parte no acordo com o financiador anónimo, tinha pouco tempo para ficar sentado em casa, por muito que adorasse a filha. Tinham-lhe dado dez anos para pagar o empréstimo do banco; se fosse bem-sucedido, determinada cláusula no contrato estipulava que lhe seria permitido adquirir os restantes sessenta por cento das ações da companhia por mais três milhões de dólares. Zaphia todas as noites agradecia a Deus o que já tinham e implorava ao marido que abrandasse, mas nada impediria Abel de tentar alcançar aquele objetivo.

— Tens o jantar pronto — gritou-lhe Zaphia.

Abel fez de conta que não ouviu e continuou a olhar a filha, que dormia.

— Não ouviste? O jantar está pronto.

— O quê? Não ouvi, querida. Desculpa. Já vou.

Levantou-se com relutância para ir ter com a mulher e jantarem. O edredão vermelho que Florentyna rejeitara jazia no chão, ao lado do berço. Abel apanhou o tecido acolchoado e felpudo, estendendo-o por cima do cobertor que cobria a filha. Não queria que ela viesse alguma vez a sentir frio. A filha sorriu, a dormir. Estaria a ter o seu primeiro sonho?, pensou Abel ao apagar a luz.

O batizado de Florentyna foi memorável para todos os presentes — exceto para Florentyna, que dormiu durante todo o tempo. Uma vez terminada a cerimônia, que se realizou na Catedral de Holy Name, em North Wabash, os convidados dirigiram-se para o Hotel Stevens. Abel reservara um salão e convidara mais de uma centena de pessoas para celebrar a ocasião. George Novak, o seu amigo mais chegado entre os polacos, que ocupou o beliche por cima do seu no barco que os trouxera da Europa, seria o padrinho, enquanto Janina, uma das primas de Zaphia, seria a madrinha.

Os convidados devoraram o tradicional jantar de dez pratos, que incluía *pierogi* e *bigos*, enquanto Abel, sentado à cabeceira, recebia as ofertas em nome da filha, entre as quais figuravam uma roca de prata, obrigações emitidas pelo governo norte-americano, um exemplar de *Huckleberry Finn* e, a mais bela de todas, um lindo anel de esmeraldas antigo, da parte do benfeitor incógnito de Abel. Só esperava que o homem tivesse tanto prazer a dá-lo como mais tarde a sua filha mostraria a recebê-lo. Para assinalar a ocasião, Abel ofereceu à filha um enorme urso pardo de peluche, com olhos vermelhos.

— Parece o Franklin D. Roosevelt — observou George, erguendo o urso ao alto para todos verem. — Justifica-se um segundo batizado: *FDR*. — Abel ergueu o copo. — Senhor Presidente — brindou. Ou Presidente Urso, como Florentyna lhe chamava.

A festa terminou por fim cerca das três da manhã, altura em que Abel teve de requisitar um dos carrinhos da lavanderia para transportar todos os presentes para casa. George acenou a Abel quando este se

dirigiu para a North Michigan Avenue empurrando o carrinho à sua frente.

O pai feliz começou a assobiar, ao mesmo tempo que ia recordando todos os momentos da noite magnífica. Só quando o Presidente Urso caiu do carrinho pela terceira vez é que se deu conta de como devia ter sido atribulado o seu caminho pela Lake Shore Drive. Pegou no urso e ajeitou-o no meio dos presentes e estava prestes a experimentar uma via mais a direito quando sentiu uma mão tocar-lhe no ombro. Abel virou-se de um salto, pronto a defender com a vida os primeiros pertences da filha que alguém pretendesse roubar. Deu de caras com um jovem agente da Polícia, bem mais alto do que ele.

— Será que tem uma boa explicação para ir a empurrar um carro de mão dos serviços de lavandaria do Hotel Stevens pela Michigan Avenue às três da manhã?

— Sim, senhor agente — respondeu Abel.

— Bem, começemos pelo que está nos embrulhos.

— Para além do Franklin D. Roosevelt, não faço ideia.

O polícia prendeu imediatamente Abel por suspeita de roubo. Enquanto a criatura a quem se destinavam os presentes dormia profundamente debaixo do seu edredão vermelho, no quartinho situado no último andar da sua casa, em Rigg Street, o seu pai passava uma noite em claro no velho colchão de crina de cavalo de uma cela na prisão local. George apareceu no tribunal logo de manhã cedo a fim de confirmar a história de Abel.

Abel começou a ressentir-se do facto de ter de se afastar de Chicago e da sua adorada Florentyna, nem que fosse só por alguns dias, receando perder o seu primeiro passo, a primeira palavra, qualquer tipo de iniciação. Desde o nascimento, vigiava a rotina diária da criança, nunca permitindo que se falasse uma palavra de polaco em casa: decidira que ela não ficasse com nenhum sotaque polaco, que a fizesse sentir-se pouco à vontade em sociedade.

Abel esperara atentamente pela primeira palavra da filha, na esperança de que fosse «pai», ao passo que Zaphia receava que fosse

alguma palavra em polaco, reveladora de que ela não falava em inglês à sua primeira filha quando estavam a sós.

— A minha filha é americana — explicara Abel a Zaphia — e, portanto, deve falar inglês. Há tantos polacos que continuam a falar na sua língua, assegurando, assim, que os filhos passem a vida inteira no canto noroeste de Chicago a serem chamados «polacos estúpidos» e a serem ridicularizados por todos.

— Exceto os nossos conterrâneos que ainda sentem alguma lealdade para com o império polaco — disse Zaphia na defensiva.

— O império polaco? Em que século vives, Zaphia?

— No século vinte — respondeu a mulher, começando a mostrar-se exaltada.

— Com o Dick Tracy e a banda desenhada, não é?

— Não se pode propriamente dizer que essa atitude seja digna de uma pessoa cujo grande desejo é regressar a Varsóvia como primeiro embaixador polaco.

— Disse-te que nunca tocases nesse assunto, Zaphia. Nunca.

Zaphia, cujo inglês permanecia irredutivelmente fraco, não respondeu, mas contou mais tarde às primas, a resmungar, e continuou a falar em polaco quando Abel estava fora de casa. Não a impressionava o facto, tantas vezes alegado por Abel, de o fluxo financeiro da General Motors ser maior do que o orçamento da Polónia.

Por volta de 1935, Abel estava convencido de que a Depressão eram águas passadas, decidindo pois que era tempo de construir o novo Barão de Chicago, no local onde se erguera o velho Richmond Continental. Nomeou um arquiteto e começou a passar mais tempo na Cidade Ventosa do que na estrada, pois estava decidido a construir o hotel mais sofisticado da região Centro-Oeste.

O Barão de Chicago acabou de ser construído em maio de 1936 e foi inaugurado pelo *mayor* democrata Edward J. Kelly. Ambos os senadores do Illinois estavam presentes, perfeitamente cientes do poder crescente de Abel.

— Parece um milhão de dólares bem gasto — comentou J. Hamilton Lewis, o senador mais antigo.

— Não está muito longe da verdade — respondeu Abel, admirando os salões com alcatifa felpuda abertos ao público, os tetos altos de estuque e a decoração em tons pastel e verde.

O toque final fora dado pelo «B» verde-escuro em relevo que adornava tudo, desde os atoalhados das casas de banho às bandeiras que batiam ao vento no cimo dos quarenta e dois andares que formavam o edifício.

— Este hotel já traz o carimbo do sucesso — disse J. Hamilton Lewis, dirigindo-se aos dois mil convidados ali reunidos —, porque, meus amigos, será o homem, e não o edifício, que ficará sempre a ser conhecido por Barão de Chicago.

Abel ficou deliciado com o clamor que se ergueu e sorriu no seu íntimo. O seu consultor em relações públicas acrescentara aquela linha ao discurso do senador no início da semana.

Abel começava a sentir-se à vontade entre os homens de negócios e os políticos antigos. Mas Zaphia não se adaptara à mudança de sorte do marido e deambulava à parte, insegura, abusando um pouco do champanhe, para se afastar furtivamente antes de o jantar ser servido, com a débil desculpa de que queria ir ver se Florentyna estava a dormir sossegada. Abel acompanhou a mulher enrubescida até à porta giratória, com um silêncio irritado. Zaphia não se importava nem compreendia o sucesso na mesma escala que Abel e preferia ignorar o novo mundo em que ele agora se movimentava. Percebia perfeitamente quanto isso aborrecia o marido e não resistiu a dizer «não tenhas pressa em voltar para casa», quando ele a meteu num táxi.

— Não terei — respondeu ele, ao voltar a passar pela porta giratória, que empurrou com tanta força que esta deu mais três voltas depois de ele passar.

Regressou ao átrio do hotel, onde encontrou o vereador Henry Osborne à sua espera.

— Este acontecimento deve ser o grande feito da tua vida — comentou o vereador.

— Grande feito? Acabei de fazer trinta anos — disse Abel.

Uma máquina fotográfica faiscou quando ele rodeou com o braço os ombros do político alto, magnificamente bronzeado. Abel sorriu para o fotógrafo, deliciado com o tratamento de que estava a

ser alvo na sua qualidade de celebridade, e disse, alto o suficiente para quem estivesse à escuta:

— Vou espalhar hotéis Barão por todo o globo. Tenciono ser para a América o que César Ritz foi para a Europa. Fique do meu lado, Henry, que há de gostar da corrida.

O *major* e Abel afastaram-se juntos em direção à sala de jantar e, uma vez afastada a possibilidade de alguém os escutar, Abel acrescentou:

— Henry, venha almoçar comigo amanhã, se tiver tempo. Preciso de discutir um assunto consigo.

— Com muito gosto, Abel. Um simples *major* está sempre à disposição do Barão de Chicago.

Riram-se com gosto, embora nenhum tivesse achado a piada particularmente divertida.

Abel voltou a deitar-se a altas horas da noite. Ao voltar a casa, foi direito ao quarto de hóspedes para ter a certeza de que não acordava Zaphia — pelo menos foi o que lhe disse no dia seguinte.

Quando Abel foi à cozinha para tomar o pequeno-almoço com Zaphia, Florentyna estava instalada na sua cadeira alta a lambuzar entusiasmamente a boca com uma tigela cheia de papas e a morder em quase todos os objetos ao alcance dos seus braços, mesmo que não fossem alimentos. Beijou a filha na testa, a única zona que parecia ter escapado à papa, e sentou-se diante de um prato de panquecas e xarope de ácer. Quando terminou, Abel levantou-se da cadeira e disse a Zaphia que ia almoçar com Henry Osborne.

— Não gosto nada desse homem — observou Zaphia, com ardor.

— Também não morro propriamente de amores por ele — disse Abel. — Mas nunca te esqueças de que está bem colocado na câmara municipal e pode fazer-nos muitos favores.

— E muitos danos.

— Não te preocupes com isso. Podes deixar que do Henry Osborne trato eu — disse Abel, beijando ao de leve a face da mulher e voltando-se para sair.

— *Pesidenque* — disse uma voz, e ambos os progenitores se viraram para olhar Florentyna, que gesticulava para o chão, onde *Franklin D. Roosevelt*, de oito meses de idade, jazia de focinho peludo para baixo.

Abel riu-se, pegou no idolatrado urso de peluche e colocou-o no espaço que Florentyna deixara vago para ele na cadeira alta.

— *Pre-si-dente* — corrigiu Abel, lenta e firmemente.

— *Pesidenque* — insistiu Florentyna.

Abel voltou a rir-se e deu uma pancadinha na cabeça de *Franklin D. Roosevelt*. Queria então dizer que FDR era responsável não só pelo New Deal como também pela primeira expressão vocal política de Florentyna.

Quando saiu de casa, Abel encontrou o motorista à sua espera, ao lado do *Cadillac* novo. A condução de Abel fora piorando na proporção da melhoria do carro a que se podia dar ao luxo. Quando comprou um *Cadillac*, George aconselhou-o a arranjar um motorista. Nessa manhã, pediu-lhe que conduzisse devagar ao aproximarem-se da Costa Dourada. Ergueu os olhos para os vidros refulgentes do Barão de Chicago e ponderou, maravilhado, que não havia mais nenhum lugar na Terra onde um homem pudesse fazer tanto em tão pouco tempo. O que os chineses teriam alcançado, felizes, em dez gerações, ele conseguira em menos de quinze anos.

Saiu do automóvel antes que o motorista tivesse tempo de dar a volta para lhe abrir a porta, entrou rapidamente no hotel e apanhou o elevador para o quadragésimo segundo andar, onde passou a manhã a tratar de todos os problemas com que o novo hotel se defrontava: um dos elevadores não funcionava bem; dois empregados de mesa tinham-se envolvido numa luta de facas na cozinha e George despedira-os antes de Abel chegar; e a lista de estragos após a inauguração era suspeita de tão elevada — Abel teria de investigar qualquer desvio possível por parte de empregados e registado nos livros como causado por quebra. Não deixava nada nas mãos do acaso em nenhum dos seus hotéis, desde quem estava instalado na suíte presidencial até ao preço de oito mil pãezinhos frescos de que a secção de compras precisava semanalmente. Passou a manhã a tratar de dúvidas, problemas e decisões, parando apenas quando o *major* Osborne foi trazido ao gabinete pela sua secretária.

— Bom dia, Barão — cumprimentou Henry, referindo-se de maneira paternalista ao título da família Rosnovski.

Nos dias de juventude de Abel, em que fora aprendiz de empregado no Plaza, em Nova Iorque, o título fora-lhe atirado zombeteiramente à cara. No Richmond Continental, quando era subgerente, ouvira-o murmurado em tom de troça nas suas costas. Mais tarde, todos pronunciariam o prefixo com respeito.

— Bom dia, senhor presidente — retribuiu Abel, olhando de relance para o relógio de parede. Era uma e cinco. — Vamos almoçar?

Abel conduziu Henry até à sala de jantar privada, que ficava ao lado. Para um observador fortuito, dificilmente Henry Osborne poderia ser considerado uma companhia natural para Abel. Educado em Choate e depois em Harvard, como recordava constantemente a Abel, servira mais tarde como tenente nos Marines, na Grande Guerra. Com um metro e oitenta e dois e o cabelo negro e farto levemente salpicado de fios grisalhos, parecia mais jovem do que a sua história insistia em considerá-lo.

Os dois homens tinham-se conhecido por acaso, na sequência do incêndio do velho Richmond Continental. Henry trabalhava então para a Companhia de Seguros Great Western, onde o grupo Richmond estava seguro desde sempre. Abel ficara perplexo quando Henry sugerira que o pagamento de uma pequena quantia asseguraria uma aceleração no processamento dos papéis do requerimento no escritório da sede. Nesse tempo, Abel não dispunha de uma «pequena quantia»; apesar de tudo, o requerimento não deixara de sofrer uma aceleração, pois Henry também acreditara no futuro de Abel.

Abel aprendera, pela primeira vez, que havia homens que podiam ser comprados.

Na altura em que Henry Osborne fora eleito *mayor* da câmara de Chicago, Abel *pudera* dispor de uma «pequena quantia» e a licença de construção do edifício para o novo Barão passara pela câmara como que de patins. Quando, mais tarde, Henry anunciou que se candidataria à Câmara de Representantes dos Estados Unidos, pelo nono distrito do Illinois, Abel fizera parte dos primeiros a enviar um cheque chorudo para o seu fundo de campanha. Embora Abel se mantivesse pessoalmente circunspecto em relação ao seu novo aliado, reconhecia que o grupo Barão teria toda a vantagem em dispor da ajuda de um político fácil de levar. Abel dava-se a grandes cuidados para ter

a certeza de que nenhum dos pequenos pagamentos em dinheiro — nem para si os considerava subornos — ficava registado e sentia-se confiante de que poderia suspendê-los como e quando lhe conviesse.

A sala de jantar encontrava-se decorada com os mesmos tons delicados de verde que se viam no resto do hotel, mas em nenhuma parte se via o «B» em relevo. A mobília era século XIX e toda ela de madeira de carvalho. Nas paredes havia retratos a óleo do mesmo período, quase todos importados. Fechada a porta, era possível imaginar que se estava noutro mundo que não o centro nevrálgico de um hotel moderno.

Abel instalou-se no lugar que lhe cabia à cabeceira de uma mesa ornamentada que poderia sentar confortavelmente oito convidados, mas que, naquele dia, fora posta apenas para dois.

— Tem-se a vaga impressão de que se está na velha Inglaterra — comentou Henry, apreciando a sala.

— Já para não falar da Polónia — disse Abel, enquanto um empregado de uniforme servia salmão fumado e um outro lhes enchia os copos com *Bouchard Chablis*.

Henry baixou os olhos para o prato repleto que tinha diante de si.

— Agora compreendo porque andas a engordar dessa maneira, Barão.

Abel franziu o sobrolho e mudou rapidamente de assunto.

— Vais ver o jogo dos Cubs amanhã?

— Para quê? Têm um registo nacional pior que o dos republicanos. Não que a minha ausência vá desencorajar o *Tribune* de descrever o desafio como uma batalha renhida sem ter em conta o resultado e se, por uma série de circunstâncias, os Cubs arrancassem uma vitória retumbante.

Abel riu.

— Uma coisa é certa — continuou Henry —, nunca verás um jogo noturno em Wrigley Field. Essa inovação fantasmagórica de jogar à luz de holofotes não vai pegar em Chicago.

— Foi o que disseste no ano passado em relação às latas de cerveja.

Foi a vez de Henry franzir o sobrolho.

— Não me convidaste para almoçar para ouvir as minhas opiniões em matéria de jogos de futebol nem latas de cerveja, Abel. Portanto, em que pequeno plano posso ajudar-te desta vez?

— Simples. Quero pedir o teu conselho sobre o que devo fazer em relação ao William Kane.

Henry pareceu engasgar-se. *Tenho de falar com o chef: o salmão fumado não pode trazer espinhas*, pensou Abel antes de continuar.

— Uma vez contaste-me em pormenor, Henry, o que aconteceu quando o teu caminho se cruzou com o de Kane e como ele acabou por te defraudar. Pois bem, o Kane agiu ainda pior comigo. Durante a Depressão, colocou Davis Leroy, meu sócio e amigo chegado, entre a espada e a parede e foi o responsável pelo seu suicídio. Para piorar a questão, Kane recusou-se a apoiar-me quando eu quis assumir a gerência dos hotéis e tentar recuperar o grupo financeiramente.

— Quem é que acabou por te financiar? — perguntou Henry.

— Um investidor particular que fazia parte do Continental Trust. O gerente nunca mo disse abertamente, mas sempre desconfiei que tivesse sido David Maxton.

— O dono do Hotel Stevens?

— Precisamente.

— O que te leva a pensar que foi ele?

— A receção do meu casamento e depois o batizado de Florentyna, no Stevens, a conta foi paga pelo meu financiador.

— Mas não se pode tirar essa conclusão.

— Concordo, mas estou certo de que foi o Maxton, porque ele uma vez ofereceu-me a oportunidade de gerir o Stevens. Disse-lhe que estava mais interessado em arranjar um financiador para o grupo Richmond e, uma semana depois, o seu banco de Chicago apareceu-me com o dinheiro de alguém que não podia revelar a sua identidade, porque isso chocaria com os seus negócios correntes.

— É um pouco mais convincente. Mas conta-me o que tens em mente para o William Kane — disse Henry, brincando com o copo de vinho, enquanto aguardava que Abel continuasse.

— Algo que não te tomaria muito tempo, Henry, mas que poderia revelar-se bem compensador para ti, tanto em termos financeiros como pessoais, dado que tens por Kane a mesma consideração que eu.

— Estou a ouvir — disse Henry, continuando a fitar o copo.

— Quero deitar a mão a uma parte substancial das ações do banco que Kane tem em Boston.

— Não é uma tarefa fácil — disse Henry. — A maior parte das ações fazem parte do fundo fiduciário da família e não podem ser vendidas sem o seu acordo.

— Parece muito bem informado — comentou Abel.

— É do conhecimento geral — disse Henry.

Abel não acreditou.

— Então vamos começar por descobrir o nome de todos os acionistas do Kane and Cabot e vejamos se algum deles está interessado em desfazer-se da sua parte por um preço consideravelmente acima do seu valor.

Abel reparou que os olhos de Henry se iluminavam ao começar a refletir no que poderia lucrar naquela transação, se conseguisse fazer um acordo entre as duas partes.

— Se alguma vez ele vier a descobrir, não vai ser uma brincadeira — disse Henry.

— Ele não vai descobrir nada — contrapôs Abel. — E, mesmo que descobrisse, estaríamos pelo menos dois passos à frente dele. Achas-te capaz de executar a tarefa?

— Posso tentar. Qual era a tua ideia?

Abel compreendeu que Henry estava a fazer os possíveis por descobrir o pagamento com que poderia contar, mas ele ainda não terminara.

— Quero um relatório escrito no primeiro dia de cada mês: mostrando as ações em todas as companhias, os seus compromissos comerciais e todos os pormenores que possas obter relativamente à vida privada. Quero que me transmitas tudo o que conseguires descobrir, por muito trivial que possa parecer.

— Repito, não será fácil — disse Henry.

— Mil dólares por mês ajudam?

— Mil e quinhentos sem dúvida ajudariam — disse Henry.

— Mil dólares por mês durante os primeiros seis meses. Se provares a tua eficiência, subirei para os mil e quinhentos.

— Combinado — concordou Henry.

— Ótimo — disse Abel, tirando a carteira do bolso interior e extraíndo dela um cheque previamente preenchido com a quantia de mil dólares.

Henry examinou o cheque.

— Estavas confiante no meu assentimento, não estavas?

— Não, não completamente — respondeu Abel, retirando um segundo cheque de dentro da carteira e mostrando-o a Henry. A quantia passada era de mil e quinhentos dólares. — Se fores bem-sucedido nos primeiros seis meses, só terás perdido três mil dólares.

Ambos os homens riram.

— Agora passemos a um tema mais agradável — disse Abel. — Vamos ganhar?

— Os Cubs?

— Não, as eleições.

— Claro que sim. O Landon vai sofrer uma grande derrota. O Girassol do Kansas não pode esperar derrotar o FDR — disse Henry. — Como o presidente nos recordou, aquela flor específica é amarela, tem o coração negro, serve para a alimentação dos papagaios e morre sempre antes de novembro.

Abel voltou a rir.

— E tu?

— Sem preocupações. Os democratas tiveram sempre o seu lugar garantido. O difícil foi ganhar a nomeação, não as eleições.

— Estou ansioso para que faças parte do Congresso, Henry.

— Tenho a certeza que sim, Abel, tal como eu estou ansioso por te servir, assim como aos meus outros eleitores.

Abel fitou-o com ar zombeteiro.

— Bastante melhor, espero — comentou ironicamente, enquanto lhe colocavam na frente um bife do lombo que quase ocupava o prato todo, ao mesmo tempo que lhe enchiam novo copo com um *Côte de Beaune* de 1929.

O resto do almoço foi passado a discutir os problemas relacionados com os ferimentos sofridos por Gabby Hartnett, as quatro medalhas de ouro de Jesse Owens nas Jogos Olímpicos de Berlim e a possibilidade de Hitler invadir a Polónia.

— Nunca — declarou Henry, começando a perorar sobre a coragem dos polacos em Mons, na Grande Guerra.

Abel não comentou o facto de nenhum regimento polaco se ter empenhado em Mons.

Às duas e meia, Abel encontrava-se sentado à sua secretária a refletir sobre os problemas da suíte presidencial e os oito mil pãezinhos frescos.

Nessa noite só chegou a casa, vindo do Barão, às nove horas, encontrando Florentyna já a dormir. Mas esta acordou imediatamente, mal o pai entrou no quarto, e sorriu-lhe.

— Presidente, presidente, presidente.

Abel sorriu.

— Eu não. Tu, talvez, mas eu não. — Pegou na filha e beijou-a, sentando-se com ela ao colo, enquanto a ouvia repetir, vezes sem conta, o seu vocabulário de uma só palavra.